

REPORTAGEM ESPECIAL

Setor supermercadista gaúcho supera desafios e foca na retomada após tragédia climática

Inundações catastróficas afetaram 2 milhões de pessoas e impactaram trabalho de empreendedores do segmento no RS

Loraine Luz,
especial para o JC

Remover obstáculos, transformar uma realidade desfavorável, ultrapassar limites, ato de progredir, de vencer, acessando recursos (principalmente anímicos) que nem se sabia que tinha. Eis a definição de superação. Essa condição extraordinária passou a fazer parte do cotidiano ordinário de centenas de supermercadistas desde maio, quando no Rio Grande do Sul se registrou um dos maiores desastres climáticos brasileiros, sem precedentes na história gaúcha.

As inundações catastróficas afetaram 2 milhões de pessoas e destruíram anos e anos de trabalho de empreendedores na Capital e nos vales dos rios Taquari, Caí, Pardo, Jacuí, Sinos, Gravataí, além de Guaíba, Pelotas e Rio Grande. Segundo a Agas, 331 estabelecimentos foram total ou parcialmente impactados.

Passados mais de 100 dias, para muitos supermercadistas qualquer compromisso na agenda diária ainda carrega o peso de uma "super" ação. Ao abrirem as portas de suas lojas outra vez, o que parecia



Segundo a Agas, 331 estabelecimentos foram total ou parcialmente afetados; Unisuper foi uma das redes prejudicadas

impossível diante do cenário desesperador de maio, reconhecem que foram fundamentais os bons relacionamentos no setor e o apoio de colaboradores e da comunidade.

"Houve exemplos realmente emocionantes. Conhecemos empresas que cederam funcionários a outras para ajudar na limpeza, supermercados que emprestaram empilhadeiras a concorrentes e até

quem emprestou uma casa para a família da empresa concorrente", lembra Antônio Cesa Longo, presidente da Agas. "A solidariedade foi o ponto mais alto desta tragédia."

Em um contexto ainda delicado para todos, a Expoagas é mais uma frente oportunizada aos empreendedores dentro do exercício diário de superação que vem desde maio. "As empresas que vierem à feira sai-

rão melhores e mais qualificadas, com novas conexões e muitas oportunidades de negócios", acredita Longo. "É a Expoagas do recomeço."

Protagonistas em suas comunidades e trabalhando com itens de primeira necessidade, os supermercados tiveram desde o início papel central na retomada plena das microeconomias de bairros e cidades. A garantia de abastecimento, mes-

mo em momentos de gargalos muito graves de logística, prova o quanto o setor é essencial em momentos de crise. Já tinha sido assim na pandemia. No entanto, as ações de apoio aos negócios, criadas por entidades como a Agas, precisam ser de longo prazo. "Estamos distribuindo vale-compras para que as empresas atingidas repassem aos consumidores e funcionários. Esses vouchers só poderão ser usados nestes supermercados afetados", comenta o dirigente.

Em pleno desastre climático, a Agas e a Associação Gaúcha de Atacadistas Distribuidores (Agad) anunciaram, em 6 de maio, o lançamento do app Ajuda Sul, uma central de informações sobre e para supermercadistas e fornecedores afetados. Por meio dela, podia-se compartilhar informações, construindo um banco de dados e permitindo o envio de auxílios e bonificações, além da prorrogação de prazos de pagamento e outras flexibilizações.

Exclusivas para líderes e gestores cadastrados no app, iniciaram neste mês as aulas do curso livre de Gestão em Supermercados (GES Ajuda Sul). Com instrutores colaborando de forma totalmente voluntária, o conteúdo busca incrementar a reconstrução e o gerenciamento dos negócios neste período de retomada das operações. Também foram formadas turmas em Gestão Estratégica e Gestão da Operação.



Itamar Lorenzatto emprega 150 pessoas em suas unidades no Sarandi

'Buscamos soluções onde não tinha', diz supermercadista

A rapidez na reabertura das duas lojas localizadas no bairro Sarandi está entre as principais superações de Itamar Lorenzatto e de seus colaboradores — um contingente de 150 pessoas somando os dois estabelecimentos da rede Carnetti. Uma reabertura aconteceu em 1º de junho e outra no dia 13 do mesmo mês. "Eu preferi reabrir logo e ir arrumando o que faltava já em funcionamento. Porque de portas fechadas não teria como reagir. Buscamos soluções onde não tinha. Estamos operando integralmente, mas faltam detalhes e a chegada de alguns equipamentos comprados novos", comenta.

Com um prejuízo de mais de R\$ 4 milhões, Lorenzatto lançou mão, inicialmente, de recursos próprios.

Depois, conseguiu ajuda de linhas de crédito do governo. A capacidade de reação teve muito a ver com sua equipe. "Todo desafio gera superação, isso é do ser humano. Só conseguimos reabrir de forma rápida graças ao empenho dos funcionários e colaboradores. Isso demonstra que, quando estamos todos alinhados no mesmo objetivo, a vitória é certa."

Mas a agenda de superações do supermercadista está longe de esvaziar. Ele não apenas manteve todas as vagas de empregos como está com outras abertas. E é aí que se encontra um dos seus principais obstáculos atuais: não consegue preenchê-las. "O bairro esvaziou, as pessoas não voltaram ou foram embora", atesta. Essa escolha dos ex-moradores está associada, segun-

do ele, à falta de credibilidade nos entes públicos de que vão resolver os problemas estruturais do bairro.

Com mais de 26 mil moradores atingidos e quase 40 mil residências debaixo d'água, o Sarandi foi o bairro mais afetado pelas cheias. "A gente vê muita fala e pouca efetividade", comenta ele sobre o discurso dos gestores públicos. "O que a gente espera são planos de pró-ação e não apenas reação ao desastre", acrescenta. A queda demográfica afeta significativamente as vendas. Em uma das lojas, julho teve queda de 13% no faturamento em comparação ao mesmo mês do ano passado. Para tentar superar o problema, a rede tem apostado em finais de semana com preços promocionais no início e no final do mês.